



DIRLÉIA COM JOÃO PEDRO E O ESPOSO. ANTES, ALÉM DO NOME DIFERENTE NA PULSEIRA, O TIPO SANGÜÍNEO NÃO BATIA



FERNANDA COM O MARIDO NO QUARTO DO PEQUENO RAFAEL. ELA CHEGOU A LEVAR O FILHO ERRADO PARA CASA

Troca confirmada

ELISA TECLES

DA EQUIPE DO CORREIO

O mais novo amor da frenóloga Fernanda Moreira dos Santos, 24 anos, estava naqueles 53cm de altura e 3,775kg de peso. O recém-nascido que ela tratava como filho tinha as mesmas medidas anotadas no prontuário do bebê da dona-de-casa Dirléia Kellen Sousa, 26 anos. Elas tiveram os filhos trocados dentro do Hospital Regional de Sobradinho (HRS) na última semana. Por pelo menos três dias, as mães amamentaram e cuidaram do filho errado. Comemoraram a chegada e escolheram os nomes de crianças que não lhes pertenciam. Quase uma semana depois dos nascimentos, têm agora nas mãos os verdadeiros filhos.

Os dois bebês nasceram na tarde de quinta-feira passada. Rafael por parto normal, às 17h, e João Pedro por cesariana, às 14h53. Os recém-nascidos têm características semelhantes: pele morena clara, olhos castanhos, cabelos castanhos e lisos. Fernanda, a mãe de Rafael, teve alta às 10h do sábado e deixou o hospital com João Pedro nos braços. Chegou na casa onde mora, em Sobradinho 2, e colocou o bebê para dormir. Acordou a criança para dar banho e cortar a pulseira do hospital — ela queria guardá-la de recordação, como fez com o primeiro filho, um menino de três anos. A irmã de Fernanda estranhou o nome escrito na etiqueta de identificação: Dirléia Kellen, a verdadeira mãe de Pedro.

DEPOIMENTO // DIRLÉIA KELLEN SOUSA

MÃE DE JOÃO PEDRO

“Dei todo o amor e falam que é de outra”

“Agora que estou com meu filho a ficha finalmente caiu. Mas é uma situação chata, constrangedora. Passei cinco dias com outro bebê achando que era meu. Dei para ele todo o amor e carinho para depois falarem que era de outra pessoa. O tratamento no hospital foi péssimo. Quando limpei a pulseira, vi que alguma coisa estava errada. Tinha o nome de outra pessoa e o horário não batia. Chamei a enfermeira e mostrei. Perguntei como ia resolver aquilo e ela me mandou ir para o quarto e ficar calada. Voltei nervosa e liguei para minha mãe. Não sabia quem era Fernanda. Queria que a buscassem, e se ela estivesse com meu filho, que ficasse no mesmo quarto que eu. Quando vi o bebê que estava com ela, achei que não era meu. Ficava procurando defeitos para ter certeza que o filho era dela.”

Por volta das 17h de sábado, um funcionário do hospital entrou em contato com Fernanda e pediu que ela voltasse ao local. Dirléia já havia notado o problema. Desde então, Fernanda, Dirléia, Rafael e João Pedro passaram a dividir o mesmo quarto na enfermaria do HRS. Pais e bebês tiveram o sangue coletado para um exame de DNA feito às pressas. Por volta das 15h de ontem, a confirmação: uma estava com o filho da outra.

Antes do resultado ser revelado, uma pista indicava a troca: o prontuário de Fernanda indica que ela teve um bebê com sangue A+, mas a criança que ela tratava como filho é do tipo O+. O contrário aconteceu com Dirléia. As duas receberam apoio de psicólogos, que recomendaram a permanência das famílias no hospital por mais dois dias. Fernanda e Dirléia preferiram voltar para casa com as crianças. Todos passam bem, mas os familiares estão abalados.

“A gente vê as coisas acontecendo, mas nunca imagina que vai ser com você. Estamos com o quarto do bebê pronto há 15 dias. Nossa filha maior já está perguntando pelo maninho”, comentou o marido de Fernanda, José Matos de Paiva, 45 anos.

O procedimento-padrão do hospital é identificar todos os recém-nascidos logo após o parto. O médico coloca a criança sobre a mulher e, em seguida, mãe e filho recebem uma pul-

DEPOIMENTO // FERNANDA MOREIRA DOS SANTOS

MÃE DE RAFAEL

“Estava apaixonada por aquela criança”

“Continuo sem reação, como se tivesse vindo para casa com um filho que não é meu. Foi difícil até para aceitar. Eu tinha esperança que o erro fosse só da pulseira. Quando chegou o resultado foi um choque. Ainda fiquei um pouco com ele (João Pedro), amamentei pela última vez, entreguei e saí do quarto. Não conseguia ficar lá. Tinha dedicado todo o meu amor para ele, estava apaixonada pela criança. Para todos os efeitos, era meu filho. Tive que trocá-lo como se trocasse um sapato. Agora estou tentando me apegar ao meu verdadeiro filho. É difícil reconhecê-lo como meu. O mais difícil é lidar com a dor. Só quem passou por isso entende. Estou com uma criança minha, mas que é como se não fosse.”

mínimo, meia hora para ser realizado. No entanto, não se sabe quanto tempo cada bebê permaneceu neste local antes de ser entregue à mãe. Os funcionários da equipe de enfermagem são orientados a checar nome e número das pulseiras antes de devolver a criança. Na saída do hospital, os seguranças só exigem o cartão de alta da mãe. “Não é costume o guarda identificar a pulseira na saída. Não se confere mais porque o bebê já está com a mãe”, afirmou a chefe da unidade neonatal do HRS, Maria Cristina Bacelar.

Sindicância

A regional de saúde de Sobradinho quer saber como ocorreu a troca e quem errou na hora de entregar os bebês às mães. Todos os profissionais presentes na unidade entre quinta-feira e sábado serão chamados para dar explicações. Os responsáveis pelo engano podem ser punidos com advertência verbal, escrita, ou mesmo exoneração do cargo. “O ocorrido foi extremamente grave e queremos que isso seja esclarecido”, explicou a diretora da regional, Cláudia Porto. O resultado da sindicância deve ser conhecido em até 15 dias. Segundo Cláudia, o hospital realiza uma média de 300 partos por mês e, em 40 anos de serviço, nunca havia tido um problema como esse. A diretora adiantou que será cobrado mais rigor no tratamento dos bebês. A 13ª Delegacia de Polícia (Sobradinho) investiga o caso.